**O que suponho que Lula deveria dizer. Artigo de Tarso Genro**

“[Celso Furtado](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/317) foi um 'herói' e 'um grande homem', assim como o**nacional-desenvolvimentismo** foi uma importante elaboração estratégica de um grande período de lutas. Suponho todavia que hoje, o que resgata para o futuro a ideia primária de um **projeto socialista contemporâneo** é a ideia de tirar dos ultra-ricos seus excedentes, que são supérfluos até para manterem seus modos de vida abastados, para assim integrar -socialmente- as grandes maiorias populares que estão fora do jogo, tanto da vida comum, como da própria democracia política em crise”, escreve [Tarso Genro](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590683-governo-real-e-exercito-politico), ex-governador do Estado do Rio Grande do Sul, ex-prefeito de Porto Alegre, ex-ministro da Justiça, ex-ministro da Educação e das Relações Institucionais do Brasil, em artigo publicado por **Sul21**, 16-11-2019.

**Eis o artigo.**

**Carlyle** dizia que a “história do mundo é apenas a **biografia dos grandes homens**”. Exageros à parte, as diversas teorias e filosofias da História com credibilidade intelectual - de **Plekanow** a **Toynbee**, de **Nietzsche** a **Marx**- sempre reservaram parte da suas abordagens sobre os processos históricos ao papel dos “heróis”, tomados como “grandes homens” independentemente do tipo que caracteriza a “grandeza”.

O Governo democrático e popular que pensávamos em 88 realizou-se em 2002 como um Governo Democrático, centrista e progressista, que respeitou rigorosamente as “**regras do jogo**” **democrático** e conseguiu melhorar as condições de vida do nosso povo, prestigiou a **Constituição** e deu solidez ao nosso prestígio internacional, como em nenhuma outra época da nossa História. Deve-se isso à liderança de **Lula**, ao respeito que àquela época o ex-Presidente **FHC** impregnou na transição e ao talento político magnífico de **Lula**. Ele é o nosso “grande homem” e o que ele diz e faz é também da nossa conta e responsabilidade.

Assim como **Bolsonaro** é o ”grande homem” de uma parte da população que, enganada ou conscientemente cultua a tortura e a morte como solução para os litígios políticos do **Estado Democrático de Direito**, **Lula** é o “grande homem” do acordo, da compreensão da correlação de forças para governar com respeito e autoridade dentro da democracia. Só que a nossa herança, a democracia e os pobres entrando na Casa Grande, pode ser varrida pelo fascismo,

Pela visão de **Carlyle**, **D. Pedro**  **odoro**  **Getúlio** e **Juscelino**, **Castelo**

**Branco** e **Ulysses**, **Lula** e **Fernando Henrique** – pelo papel forte que tiveram em determinados períodos da nossa história - seriam “grandes homens”, que moldaram nossa vida nacional nos seus respectivos tempos.

Um livro de intelectuais e filósofos peronistas (“*Que es el peronismo – una resposta desde la filosofia*”, Ed. Outubre, 2O14, 377 pgs.) trata deste viés das concepções da história, a partir da vida política e pessoal do “grande homem” -neste sentido- que foi **Juan Domingo Perón**, na Argentina do século passado, tomando-o como modelo de “grande homem” latino-americano a quem deve a Argentina o que ela tem de melhor.

A “**condução política**” e a “**valorização cultural**” dos territórios -nos quais os “grandes homens” atuaram- seriam os elementos primários considerados para compreender o efetivo papel que aqueles “grandes” exerceram”, nas condições sócio-culturais que lhes formaram enquanto líderes. Assim, a visibilidade de um “céu iluminista” com as estrelas da inteligência ilustrada -acessível para os “grandes homens europeus”- influíram na moldagem específica, jurídica e econômica, que eles instauraram nos seus respectivos **Estados Nacionais**.

Este céu **iluminista**, entretanto, transplantado para **periferia do sistema global**, gerou - segundo estes intelectuais peronistas - uma “autoconsciência” que acompanharia os processos de formação dos **novos Estados da periferia**. Neste espaço periférico, líderes locais promoveram a referida “autoconsciência”, não como pura imitação -mas como apelo aos demais líderes- para “recuperar e compreender o valor da cultura popular que, nos marcos do país iluminista era, e é, não só deixada de lado -pelo predomínio da cultura ‘purista’ e racionalista extrema- mas também (por ser) depreciada (na Europa)”.

Aí estariam as raízes da implantação do peronismo na alma argentina, com suas barbáries e grandezas: de **Perón** a **Isabelita**, de **Câmpora** às **pandilhas fascistas** e **assassinas de Lopez Rega**. A adaptação do **iluminismo** a um “grande homem” local teria promovido a vertebração dos Estados modernos locais, mediada pelo encontro entre “cultura popular da resistência x civilização colonial iluminista”. Seria o conflito permanente pelo qual se disputaria na Argentina, até hoje, a sua chegada à modernidade madura do Estado Social.

A **luta política** é uma das mais curiosas e relevantes atividades (“*praxis*”) humanas, que nos distingue da animalidade pura. A nossa luta -para afirmação e reprodução da espécie na nave Terra- percorre um infinito indeterminado e nós, na superfície desta nave, vamos afirmando nossos desejos, misérias e grandezas: somos indivíduos feitos de “cal, desejo e sangue”.

Erros e acertos, paixões e desapreços, são produtos também deste encontro permanente, entre golpes e revoluções, revoltas, morticínios e chacinas. É a Argentina, a América, o Brasil colonial e escravista, que foi herdado pelas nossas classes dominantes, sumulado por Machado de Assis no seu conto genial, “Pai contra Mãe”, escrito 18 anos após o fim da escravidão.

A curiosidade atual, neste caminho da esquerda que não desistiu de lutar por um mundo melhor possível, é a exigência de que **Lula** faça uma “autocrítica” dos seus governos, proposta principalmente dos que apoiaram o **golpe contra Dilma**.

Na imprensa e nos partidos eles ajudaram a formar um Governo composto por religiosos do dinheiro, milicianos e fascistas, que envergonha o Brasil no mundo. Agora não se cansam de pedir uma autocrítica de Lula sem se envergonhar do que nos legaram: **Ernesto Araujo** , **Weintraub**, **Bolsonaro**, **Queiroz**, **Witzel** e os milicianos no poder - a crise profunda do **Estado de Direito**- e a **fragilização de todas as instituições do Estado** que protegem os direitos fundamentais.

Organizaram uma chacina social, com suas**reformas “à chilena”** e que terão (não duvidem) **resultados “à chilena”**, no campo das relações sociais e da política. Mesmo assim querem uma autocrítica de Lula e agem como se o processo político fosse um culto fundamentalista, no qual os demônios são expulsos por uma catarse que sempre termina na contribuição em dinheiro para os donos da religião. No caso da “**autocrítica**” de **Lula** - todavia - terminaria numa**contribuição política** para fazer esquecer a tragédia moral e política que eles representam para o **Brasil** no Século XXI.

Não integro mais a **direção do PT** e sou divergente de uma boa parte da linha adotada pela nossa Direção Nacional – sem deixar de reconhecer seus méritos, por dois motivos fundamentais: primeiro, porque ela não processou um debate interno, “aberto” à sociedade civil democrática, para analisar em profundidade – durante os últimos anos – quais foram as condutas – na economia e na política – que “facilitaram” os procedimentos individuais de continuidade – não de “inauguração” como diz a direita craque em corrupção - de métodos oligárquicos de governabilidade; segundo, divirjo também porque a atual hegemonia interna no **PT** não nos conduziu para uma discussão madura – em tempos de crise global do sistema do capital – sobre qual o projeto que devemos à sociedade, após a brutal “**desindustrialização**” dos últimos 10 anos, que não permite qualquer recuperação gigantesca do emprego, a curto prazo, como parece propor **Lula**, [após a sua saída do cárcere](http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594326-boaventura-ve-lula-livre%22%20%5Ct%20%22_blank).

A primeira pergunta diz respeito ao **Partido político** que, durante o Governo, deveria propor condutas a quem estava no Governo - pelas suas direções colegiadas - num cenário histórico de alta complexidade, gostassem eles (lideres governantes) - ou não- das orientações produzidas pelo Partido político, que deveriam ser ofertadas abertamente, como propostas concretas para elidir a crise, especialmente durante os **Governos Dilma**.

A segunda pergunta diz respeito ao que deveria ser dito, ao líder mais importante, que encarnava - mesmo preso num processo político (mas preso) - as melhores possibilidades do **projeto petista**. E assim tratar de contribuir, mesmo discordando dele, para potencializar o seu papel na História da forma mais ampla da que pode ser vista das janelas do seu cárcere. Eximido-se dessa responsabilidade o Partido reservou para si apenas o papel de um prolongamento burocrático das palavras do líder injustamente preso.

As respostas a estas perguntas estão vinculadas às propostas imediatas que devemos oferecer -em conjunto com a esquerda e o centro progressista que ainda resta no país- para conversar com a ampla maioria dos chamados “pobres de direita” (designação humilhante e injusta com os mais oprimidos), precários, intermitentes, desempregados, meio-jornadistas, que estão fora da classe trabalhadora tradicional, mas são a base popular do proto-fascismo em curso no país. Os trabalhadores majoritariamente hoje formam um contingente muito maior do que a classe trabalhadora tradicional resguardada pelas normas da velha **CLT**

A resposta a ser dada - opino - revoga a designação “**democrático-popular**”, que está na base das elaborações estratégicas que fizemos nas últimas duas décadas, como tentativa mal-sucedida de não parecermos assemelhados aos enjambramentos autoritários que os “**soviéticos**” implantaram nos países do Leste Europeu. A resposta a ser dada pode vir -por exemplo- da assumida pela Senadora **Elizabeth Warren** (“**Eu , Fim de Semana**”, “Valor”,14-15 nov. Helena Celestino), “que move multidões ao propor uma taxação maior aos super-ricos, mas assusta com a ideia de garantir saúde de graça para todos”.

**Warren** propõe a **tributação dos 1% mais ricos do país,** que detinham 8% do PIB e “agora detém 22% de toda a riqueza” dos **EEUU**, taxação que atingiria 175 mil pessoas e empresas e que aportariam recursos ao Estado - por exemplo - para promoverem cuidados integrais a todos os bebês de zero a quatro anos, reduzirem pela metade a dívida das famílias com o crédito educativo, aportando -ainda- recursos que poderiam manter sem pagamento, na Universidade -por 4 anos- todos os que quisessem estudar e ainda permitiriam aumentar, significativamente, os salários de todos os professores americanos.

Estes exemplos concretos serviriam para dar sustentação a uma**social-democracia** novo tipo e mais democrática - na era do capital financeiro dominante, que se oponha à extração de recursos feita pelos diversos tipos de “**rentismo**” (incidiria nos **EEUU** sobre fortunas acima de 50 milhões de dólares) que é sobreposto como um sistema de confisco que rouba renda de toda a sociedade, inclusive das empresas capitalistas da indústria tradicional.

**Celso Furtado** foi um “herói” e “um**grande homem**”, assim como o **nacional-desenvolvimentismo** foi uma importante elaboração estratégica de um grande período de lutas. Suponho todavia que hoje, o que resgata para o futuro a ideia primária de um projeto socialista contemporâneo é a ideia de tirar dos ultra-ricos seus excedentes, que são supérfluos até para manterem seus modos de vida abastados, para assim integrar - socialmente - as **grandes maiorias populares** que estão fora do jogo, tanto da vida comum, como da própria democracia política em crise.

<http://www.ihu.unisinos.br/594420-o-que-suponho-que-lula-deveria-dizer-artigo-de-tarso-genro>